

**ROBERTA DE MELO ALVES**

**DIMENSÃO DO USO DE EQUIPAMENTOS NO ECOTURISMO:  
RACIONALIDADE E SIMBOLISMO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**CAMPINAS - 1998**



***ROBERTA DE MELO ALVES***

**DIMENSÃO DO USO DE EQUIPAMENTOS NO ECOTURISMO:  
SIMBOLISMO E RACIONALIDADE**

**Monografia a ser apresentada como  
exigência parcial para obtenção de título  
de Bacharel em Recreação e Lazer**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CAMPINAS – 1998**

## SUMÁRIO

|                                                                   |           |
|-------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 - <u>Introdução</u></b>                                      | <b>04</b> |
| <b>2 - <u>Iniciando a trilha</u></b>                              | <b>08</b> |
| <b>3 - <u>Características do Ecoturismo</u></b>                   | <b>10</b> |
| 3.1 - <i>Áreas Naturais Protegidas x comunidades tradicionais</i> | 11        |
| 3.2 - <i>Prática Institucionalizada</i>                           | 13        |
| <b>4 - <u>A utilização de Equipamentos</u></b>                    | <b>16</b> |
| 4.1 - <i>Oferecimento e consumo</i>                               | 16        |
| 4.2 - <i>Equipando personagens</i>                                | 18        |
| <b>5 - <u>O corpo no Ecoturismo</u></b>                           | <b>20</b> |
| 5.1 - <i>Ecoturista e suas aspirações</i>                         | 22        |
| <b>6 - <u>Bibliografia</u></b>                                    | <b>25</b> |
| <b>7 - <u>Anexo</u></b>                                           | <b>28</b> |

## 1 - INTRODUÇÃO

As sociedades contemporâneas que passaram pelo processo de desenvolvimento urbano-industrial, sofrem atualmente as conseqüências da ação desordenada do Homem em seu meio natural.

A urbanização que gerou diminuição de áreas verdes, produção e acúmulo de lixo e poluentes na terra, nos rios, lagos e ar, também gerou aumento da demanda de atividades de lazer afastadas do meio natural<sup>1</sup>, assim como a mudança de hábitos decorrente da dominação e manipulação da natureza, em detrimento das necessidades da sociedade de consumo, afastando o homem contemporâneo de uma vida mais relacionada ao meio natural, onde:

*A possibilidade de se vivenciar a experiência do contato com a natureza torna-se cada vez mais distante, afastando as sensibilidades das pequenas emoções do cotidiano, como uma simples chuva, ao qual não mais se constitui numa aventura, sendo mal percebida ou tornando-se somente um ruído nos compartimentos fechados do trabalho. (Bruhns, 1997:90)*

A questão ambiental coloca-se em evidência, desenvolvendo-se um pensamento que busca a conscientização do homem em relação às suas atitudes no seu habitat, alterando as relações vitais e paisagísticas existentes, interferindo diretamente na qualidade de vida desenvolvida neste meio. Surge a proposta de uma relação onde se passe,

*De um agir sobre a natureza a um trocar gestos recíprocos com a natureza.  
(Brandão, 1995:18).*

numa visão onde a integração substitui a dominação e se valoriza a riqueza e diversidade de outros seres vivos e não vivos existentes no planeta.

---

<sup>1</sup> De acordo com Serrano (1997:15), ao tratar natureza, ter em mente que ela é uma invenção humana produzida pela cultura.

Na esfera do Lazer surgem atividades de aventura, como *trekking*, *canyoning*, *rapel*, *escalada*, *rafting* e outras modalidades que utilizam

*a natureza como paisagem e como cenário para ações humanas. (Serrano, 1997:15)*

No entanto, o desenvolvimento destas atividades requer a utilização de equipamentos especiais, sendo oferecidos no mercado produtos relacionados a atividades de aventura, são utilizados pelo que se submetem a práticas corporais em contato com a natureza, sem necessariamente está ligado às atividades de aventura, configurando-se um consumo de serviços e mercadorias nesta reaproximação, característicos do modelo econômico e social em que estamos inseridos.

*sendo uma prática permeada pela lógica de produção do sistema capitalista. (Inácio, 1997:134)*

Desenvolvo este trabalho, considerando o Ecoturismo como setor da “indústria do turismo”<sup>2</sup> que tem apresentado as maiores taxas de crescimento, com um considerável aumento de seu oferecimento em agências de viagens, implicando na existência de clientes que procuram empresas para uma prática que denomino aqui de “institucionalizada”, desta atividade de lazer.

Os elementos para reflexão deste quadro, que resultaram na escolha da proposta desenvolvida neste trabalho monográfico, de analisar nas viagens à natureza preservada, a utilização de equipamentos pelas pessoas que a visita, investigando os fatores que determinam e influenciam o uso de tais materiais, obtive acompanhando um grupo adepto da prática institucionalizada de Ecoturismo, quando cumpria o estágio obrigatório em uma empresa de Campinas, que oferece além de pacotes ecoturísticos, atividades de aventura em ambientes naturais preservados e equipamentos relacionados a estas práticas.

---

<sup>2</sup> Barreto (1991:47) entende o turismo como “movimento de pessoas e atendimento às suas necessidades, assim como às necessidades das outras pessoas que não viajam. O turismo é o fenômeno de interação entre o turista e o núcleo receptor e de todas as atividades decorrentes dessa interação”, envolvendo desta forma, além de aspectos econômicos, aspectos sociais de relevância, não se reduzindo a uma indústria.

O grupo aqui investigado, participava de uma viagem oferecida e planejada pela GRADE VI - Companhia de Aventuras. A maior parte dos integrantes deste grupo fazem parte do Clube de Aventuras organizado pela empresa para criar clientes-associados, que contribuem com uma taxa mensal, que pode ser revertida em crédito no consumo de produtos e serviços da loja. Também participavam da viagem amigos de sócios e pessoas que souberam dos serviços da empresa pela *Internet*. A faixa etária variava dos 25 aos 45 anos, todos com nível superior de escolaridade e inseridos no mercado de trabalho.

Na elaboração desta monografia, além da pesquisa bibliográfica, foi relevante uma pesquisa de campo, que possibilitasse aplicação de entrevistas e observação do comportamento humano na prática do Ecoturismo, bem como o contato com a estrutura que envolve esta atividade, tanto dentro da empresa, como na região visitada. Possibilitando a construção de um conhecimento amparado nestas duas pesquisas e que estrutura-se neste trabalho.

## 2 - INICIANDO A TRILHA...

Mais um feriado prolongado neste ano de 1998, acompanho um grupo de viajantes, o num pacote ecoturístico que oferece como cenário, para desfrutar momentos de lazer, aventurando-se em caminhadas, visita a grutas, banhos de rios e cachoeiras, numa pequena cidade chamada Carrancas/MG, no meio de serras, que tem como acesso uma estrada de terra com cerca de uma hora de distância a ser percorrida em veículo automotor, até chegar a cidade mais próxima.

Em Campinas, a cerca de oito horas do local, o grupo se reúne para a viagem em veículo utilitário com capacidade para transportar doze pessoas, das quais nove eram clientes da empresa, os demais eram: eu, o motorista e os guias. As pessoas chegavam portando “malas e cantis” para partir em busca de mais uma experiência no meio natural preservado, estando estampado no rosto e roupas a tendência contemporânea de identificar-se ao estilo ecológico aventureiro, que ornamenta-se com vestimentas e acessórios confeccionados e produzidos para os que optam por estabelecer contato com a natureza, tendo a garantia de produtos que facilitem o contato com o meio desconhecido.

A viagem cansativa em decorrência do desconforto do transporte que nos conduzia e pelas condições da estrada em obras de recuperação, terminou na madrugada daquele sábado que estava para amanhecer, já num ambiente de céu estrelado, de ruas pacatas e silenciosas, que teriam sua rotina semanal tranqüila quebrada pela invasão de turistas dos centros urbanizados que procuravam ali momentos de apreciação, tranqüilidade, aventuras e contato com um meio natural geralmente não observado nas suas cidades.

Algumas poucas horas de descanso limitavam o tempo para exploração deste local, que estava estipulado para iniciar por volta das oito horas matinais, acompanhada de um guia local, que nos conduziria aos pontos de visita estabelecidos no roteiro de três dias pela região.

Despertávamos ao som dos pássaros e de galhos e folhas que balançavam no embalo dos ventos constantes que passavam pela região, deixando a temperatura fria que logo se revertia com a ação dos raios de sol após o amanhecer. Já era com este dia ensolarado que iniciávamos nossas caminhadas, percorrendo trilhas e pastagens, desfrutando de um cenário exuberante em meio a serras e campos, recortados por rios de quedas d'água que proporcionavam banhos frios, porém refrescantes depois de longos trechos com o sol esquentando nossas cabeças.

A apreciação e desfrute dos atrativos locais era compartilhada com outros grupos de visitantes, que em alguns trechos acomodavam-se em barracas ao longo das margens dos rios e próximos às cachoeiras, uns isoladamente, outros compartilhado o espaço com mais algumas dezenas de barracas, produzindo lixo e ruídos atípicos no local, como o de vozes gritando e música alta, que misturavam-se ao som de algumas aves e da força da água que corre no leito dos rios e cai de alturas variadas. Estes comportamentos, descaracterizam o ambiente natural preservado e ameaçam o equilíbrio e harmonia do local, afugentando os animais, demonstrando uma falta de estrutura e planejamento para a atividade ecoturística.

As pessoas que visitavam a região apresentavam comportamentos diferenciados, desde o modo de vestir-se ao de interagir com o meio visitado, as pessoas que eu acompanhava se diferenciavam da maioria dos outros visitantes, por estarem num grupo relativamente grande e trajar-se de forma semelhante, onde basicamente todos calçavam tênis, usavam óculos de sol, boné ou chapéu, uma mochila repleta de utensílios para facilitar a adaptação no meio visitado, máquina fotográfica e era acompanhado por guias. Os grupos que se assemelhavam ao nosso era de acompanhantes de duas outras empresas que levaram visitantes para o local.

O que pretendo com a exposição deste quadro é mapear o terreno onde observei manifestações comportamentais no grupo que eu investigava, onde problemas na infraestrutura e no planejamento turístico geraram situações de conflito e de aspirações não atendidas na visita ao meio natural preservado, sendo a interpretação das ações do corpo neste meio fundamentadas no aparato bibliográfico aqui utilizado.

Feito o panorama da viagem, convido o leitor a acompanhar, no decorrer do trabalho, a sistematização de um conhecimento que propicie a interpretação do quadro exposto.

### 3. CARACTERIZANDO O ECOTURISMO

Entendendo o Ecoturismo como uma atividade de lazer que corresponde, na “indústria turística”, à tendência contemporânea de retorno do homem ao meio natural. Faz-se necessário atribuir-lhe uma definição que contemple a visão exposta na introdução deste trabalho. Considero portanto, de acordo com Ceballos-Lascurain, citado em Brunhs (1997:125) que:

*O ecoturismo consiste em viagens por áreas naturais não degradadas ou não poluídas, com o objetivo específico de estudar, admirar e fruir a paisagem e suas plantas e animais tanto quanto manifestações culturais (do passado e do presente) encontradas nessas áreas. Nesses termos, o turismo orientado para a natureza implica uma colocação científica, estética e filosófica (...). o ponto principal é que a pessoa que pratica ecoturismo tem a oportunidade de mergulhar na natureza de uma maneira normalmente não possível no meio urbano”.*

Como a prática está em expansão, tem agregado cada vez mais adeptos, mobilizando empresas para planejamento e operação de viagens, bem como o poder público e privado nas regiões com potencial ecoturístico, fazendo-se necessário um planejamento que ofereça infra-estrutura turística, atendendo aos interesses dos visitantes, da comunidade em que se insere a atividade e à preservação e equilíbrio do ambiente.

Não fugindo da lógica capitalista e dos moldes das sociedades urbano-industriais, a infra-estrutura turística engloba:

*os equipamentos turísticos, os serviços turísticos, equipamentos de apoio, serviços de apoio, infra-estrutura de acesso, a infra-estrutura básica urbana. Barreto (1991:52)*

devendo apresentar como equipamentos: rede hoteleira, transportadoras marítimas, aéreas ou terrestres, agências de viagens e de transporte; nos serviços: guias, hospedagem, transporte e recreação; os equipamentos de apoio: postos de gasolina, rede gastronômica e de diversão, bancos, casas de câmbio, lojas de souvenirs; com os serviços de alimentação,

assistência médica, expedição de documentos, bombeiros, telefone, rádio PX, infra-estrutura de acesso e a infra estrutura básica urbana com estradas, portos ou aeroportos, ruas, guias, sarjetas, água, luz, esgoto, asfalto, limpeza pública. (ver Barreto, 1991)

Como a atividade aqui é o Ecoturismo, alguns valores são sociais e ecologicamente questionáveis, dependendo das características do ambiente natural em que se encontra e dos costumes das comunidades que ali já residiam, que devem ser preservados, até mesmo pela inviabilidade de se ter alguns destes serviços e equipamentos em regiões na maioria das vezes caracterizadas pelo modo de vida “rudimentar”. Mas as cidades que tem despontado para este tipo de atividade, estão sendo planejadas seguindo alguns dos padrões dos centros urbanizados, descaracterizando-se em alguns aspectos para proporcionar o conforto dos visitantes que começam a “desbravar” ambientes onde a presença do homem urbanizado não era sistemática.

Destaco aqui a colocação de Barreto (1991:13),

*“Um bom planejamento de Turismo requer uma profunda pesquisa social onde toda e qualquer tentativa de neutralidade seria um desrespeito para com os sujeitos que necessariamente fazem parte do processo”.*

O que indica um planejamento que não degrade as relações sociais existentes em determinado local ecoturístico, preservando e respeitando os valores culturalmente construídos neste ambiente, evitando inserção de valores de sociedades alheias a este processo de forma imposta e autoritária, como ocorre quando não se considera a participação dos que ali estão inseridos.

### 3.1 – ÁREAS NATURAIS PROTEGIDAS X COMUNIDADES TRADICIONAIS

No contexto nacional, os espaços propícios para atividades ecoturísticas são os mais variados ambientes com paisagens exuberantes e ambientes naturais preservados, onde há diversidade de fauna e flora, bem como representações culturais exóticas para um olhar

alheio ao contexto destas áreas. De acordo com o documento de “Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo” (apud Bruhns, 1997:90):

*Cerca de 3,9% do território nacional estão sob proteção ambiental na forma de diferentes categorias, distribuídos em 35 Parques Nacionais, 23 Reservas Biológicas, 21 Estações Ecológicas, 16 Áreas de Proteção Ambiental, 9 reservas extrativistas e 39 Florestas Nacionais”.*

Baseada ainda em informações da mesma autora, o desenvolvimento de atividades em contato com a natureza têm ocorrido nos Parques Nacionais, Estaduais e Municipais, nas Florestas Nacionais e nas Áreas de Proteção Ambiental, que foram estabelecidas para “fornecer às populações urbanas meios de lazer e contemplação do mundo natural” (Diegues, 1997).

A criação de áreas naturais sob proteção segue o mesmo modelo conservacionista dos Parques Nacionais americanos, sendo os moradores desapropriados de suas terras e proibidos de exercerem o extrativismo, a caça, a pesca e a agricultura de subsistência, em detrimento de uma legislação que ignorou a existência dessas pessoas nestas áreas, onde elas estabeleciam uma relação de reciprocidade com o seu meio, sendo elas diretamente responsáveis pela sua preservação (ver Luchiari 1996 e 1997; Serrano 1997). As comunidades tradicionais que habitam as áreas naturais protegidas tem uma identidade histórico-cultural com a natureza que está sendo alterada pelos valores das sociedades urbano-industrial, que busca reestabelecer uma relação com a natureza e para isso entende ser necessário priva-la de toda e qualquer ação humana, que não seja de apreciação estética ou com fins científicos. A colocação de Diegues (1997:92) retrata os valores que estão em jogo nesta atitude:

*A disjunção forçada entre a natureza e a cultura tradicional, em que os homens são proibidos pelo Estado de exercer as suas atividades do fazer patrimonial, e também do saber, representa a imposição de um mito moderno: o da natureza intocada e intocável, próprio da sociedade urbano-industrial sobre mitos das sociedades tradicionais.*

O que altera as relações que estas sociedades tradicionais estabeleciam com a natureza, pois mais uma vez o homem do meio urbano estabeleça uma relação de dominação, agora com o intuito de não colocá-la em risco, ignorando a presença dos que já estavam integrados a ela de forma harmoniosa.

O descaso da legislação com estas comunidades em áreas de preservação, é indicado pelas pesquisas do Nupaub (Viana *et al* apud Diegues, 1997), onde constata-se que:

*Em 67 unidades de conservação nos estados do Paraná, São Paulo, Espírito Santo e do Rio de Janeiro, no domínio da mata Atlântica, revela que cerca de 39% das áreas naturais protegidas de uso restrito (onde não se admite a presença de moradores) apresentam moradores em seu interior. Cerca de 83% dos parques nacionais federais e cerca de 35% dos parques estaduais têm moradores no seu interior. A porcentagem de estações ecológicas com moradores também é alta (cerca de 60%).*

Nas comunidades onde a atividade ecoturística se estabeleceu é revelado uma situação conflitante, onde as comunidades tradicionais passam a ter contato com os valores oriundos dos centros urbanizados, trazidos pela nova organização econômica e social que se instaura na região, decorrente da introdução de uma infra-estrutura que atenda aos turistas.

Percebe-se o quanto é complexa a situação das comunidades tradicionais, a exposição deste quadro se faz necessária a título de ilustração do espaço em que se oferece o Ecoturismo, onde se tem a presença de pessoas que estabelecem uma relação diferenciada com o meio natural, até por tê-lo como seu ambiente cotidiano, o que configura um quadro de diferenças de comportamento no contato com o meio ambiente e que os valores urbanos estão cada vez mais presentes nesta prática, onde o turista a busca para o lazer e de onde os moradores tradicionais são excluídos.

### 3.2 – A PRÁTICA INSTITUCIONALIZADA

Relatada as características do ambiente que recebe o turista seguindo os moldes do planejamento e infra-estrutura em turismo e tendo caracterizado o Homem que habita esta região, faz-se necessário abordar a esfera urbana relacionada a esta prática.

De acordo com Barreto (1991),

*A elaboração de pacotes, roteiros e outros que conformam a oferta turística é de competência da empresa privada.*

O processo a ser descrito aqui é o seguido pela *GRADE VI – Companhia de Aventuras*, que iniciou suas atividades vendendo equipamentos de esportes de aventura e promovendo viagens pela região de Campinas para espaços de natureza preservada que proporcionassem o desenvolvimento das atividades de aventura que ela promove.

A empresa conta com um arquivo onde se tem reportagens e folhetos informativos, além de materiais de mala direta enviados por instituições que planejam e administram esta prática em diferentes localidades do território nacional, contendo informações referentes à infra-estrutura turística do local (recursos naturais e culturais, hospedagem, serviços de alimentação, guias, etc.) com as possibilidades de contato dos serviços oferecidos nas localidades.

O planejamento da viagem segue em três fases: a de organização, a de concepção e a de avaliação.

Na fase de organização da viagem é feita a escolha do local, para iniciarem os contatos com os serviços nele oferecidos, onde se fará reserva para hospedagem, alimentação e guias, contata-se a empresa de transporte responsável pelo traslado e elabora-se o roteiro, onde são determinadas as atrações a serem visitadas e o horário das programações (refeição, saída para o passeio e o retorno, tanto da viagem como na visita às atrações), é feita a elaboração do material de divulgação, que informa sobre as atrações do local, suas características geográficas, de fauna e flora, histórico-culturais, programação da viagem, recomendações sobre o que levar e o valor e possibilidades de pagamento do

pacote. A divulgação é feita no site da Internet, no jornal mensal do Clube de Aventuras e através de folders.

A fase de concepção é a viagem propriamente dita, onde a empresa leva seus representantes para providenciarem o cumprimento da programação, condução do grupo juntamente com um guia local e fazer as operações com os serviços contatados a serem usufruídos.

A fase de avaliação se dá após a viagem, analisando os formulários aplicados no grupo onde busca-se informações sobre a qualidade dos serviços prestados, uma preocupação com aquilo que configura que configura “*um dos paradigmas dentro dos setores industriais e dos serviços*” (Trigo apud Barreto 1997:19).

Esta preocupação faz com que procurem os melhores serviços nos locais a serem visitados, no transporte e guias mais capacitados, o que resulta um custo final que é deduzido dos preços do pacote, consideravelmente alto, restringindo o público destas viagens a pessoas de poder aquisitivo razoável.

O grupo<sup>3</sup> que participa das viagens é de turistas urbanos, que procuram nestas atividade de lazer estabelecer uma relação mais direta com a natureza, tendo valores e aspirações da cultura urbana-industrial envolvidos.

---

<sup>3</sup> Foi caracterizado na introdução deste trabalho, p.3.

#### 4 – A UTILIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS

O Ecoturismo tem sido abordado até o presente momento através de uma exposição que engloba aspectos sociais, políticos e econômicos do contexto em que ela se insere e que possibilitam um espaço para ações diferenciadas do homem contemporâneo no contato com a natureza, onde foi observado elementos a serem considerados nesta monografia.

Retomando a proposta inicial deste trabalho “de investigar os fatores que influenciam e determinam a utilização de *equipamentos* na prática do Ecoturismo”, remeto-me a interpretação de definições bibliográficas, para entendimento do termo em destaque sendo:

*Equipamento – conjunto de tudo aquilo que serve para equipar, prover, abastecer.* (Ferreira, 1988:258)

Para melhor interpretação, acrescento a definição de equipar:

*Prover-se dos apetrechos necessários.* (Ferreira, 1988:258)

Desta forma, neste trabalho o termo *equipamento* fará referência aos apetrechos “necessários” usados pelo turista para “explorar” a natureza preservada. Esta necessidade pode ser interpretada como culturalmente construída, se for considerado que em sociedades tradicionais este contato é estabelecido sem o uso de equipamentos, devido a familiaridade que se estabelece com o meio, tendo conhecimento de seu espaço, em decorrência das experiências nele vividas. Para o visitante que procura este contato o meio natural se configura como algo desconhecido, selvagem, que pode vir a ser hostil, uma vez que ele não conhece o local. Ao visitá-lo, a utilização de equipamentos configura a possibilidade de adaptar-se melhor ao meio, de intermediar o contato, sendo esta atitude tipicamente urbana.

##### 4.1 - OFERECIMENTO E CONSUMO

O mercado oferece os mais variados produtos relacionados a atividades em contato com a natureza, dos quais podemos citar : barracas, mochilas, calçados para diversas

modalidades esportivas neste meio, vestimentas destinadas a exploração de ambientes diferenciados, lanternas, cantis, óculos, fogareiros, relógios, gêneros alimentícios para trilha, materiais de informação, etc.

Os equipamentos, geralmente relacionados a atividades esportivas na natureza, apresentam um alto custo, pois têm sido desenvolvidos através de um conhecimento tecnológico avançado, resultando em roupas mais leves e mais resistentes, para facilitar a adaptação e oferecer conforto.

A projeção deste tipo de atividade favoreceu a comercialização dos produtos a ela relacionados. Estruturou-se a produção e o consumo de novos produtos e estilos até mesmo por pessoas não adeptas destas atividades, para ilustrar tal fato, vamos tomar como exemplo uma reportagem publicada recentemente em revista de circulação nacional, intitulada “O loko radical”, *Veja* (1998):

*As roupas e acessórios que surgiram nos últimos anos para praticantes de esportes radicais, (...), estão caindo no gosto de um público maior. Botas de trekking, mochilas ergonômicas, óculos de alpinismo, que não quebram nem embaçam, camisetas que secam mais rápido, calças feitas para ser raspadas na pedra ou blusões invulneráveis ao clima mais agreste estão se tornando comum nas grandes cidades.*

Continuando a reportagem tem-se dados de empresas que se ligam aos motivos e estilos destas práticas para firmar produtos no mercado:

*Empresas como a Hering criaram linhas com camisetas, blusões e bermudas inspiradas no visual aventureiro. “Vendemos 200 000 peças de out-wear por mês, 20% mais que no ano passado”.*

Entre os produtos consumidos também estão as publicações de revistas periódicas, livros, vídeos, etc., relacionados a aventura, turismo e ecologia.

Observa-se que é uma tendência tipicamente urbanizada de “retorno à natureza” feito por alguns através de atividades em contato com este meio e por

outros através do consumo de produtos a elas relacionados, assumindo estilos que configuram a lógica do sistema capitalista, em sua tendência atual e globalizada de estar mais ligado ao meio natural.

## 4.2 – EQUIPANDO OS PERSONAGENS

Caberá neste momento a caracterização do grupo investigado nesta pesquisa, identificando os equipamentos por eles utilizados e os produtos com motivos relacionados à natureza, durante a viagem acompanhada.

Ressalto que por orientação da empresa eles tem que levar para os passeios uma mochila ou sacola para carregar os outros produtos recomendados, que são: protetor solar, repelente, toalha, capa de chuva, lanterna, cantil, lanche de trilha, também aconselham o uso de tênis e roupas de banho, roupas confortáveis adequadas para o passeio, óculos de sol, boné/chapéu e máquina fotográfica com bastante filme.

Ou seja, a empresa tem uma preocupação em preparar seus clientes para o contato com a natureza preservada, recomendando equipamentos e produtos que possibilitem uma melhor adaptação ao meio, considerando as diferenças que existem entre o nosso ambiente cotidiano e o local visitado.

A observação inicial do grupo foi feita na saída da viagem, onde foi visto um grande número de bagagem relacionada a atividades de aventura, a maior parte das malas eram de cordura, material resistente que também visto em algumas mochilas que seriam levadas para trilha, até necessário do material tinha no grupo. Alguns vestiam camisetas com motivos ecoturísticos, os agasalhos eram de tãctel, moleton, suplex, anorex (tecidos especiais que secam rápido, protegem da chuva). Os calçados variavam de tênis apropriados para exploração de alguns ambientes também botas de trekking.

Nas visitas aos atrativos todo o grupo equipou-se com os produtos recomendados pela empresa, as roupas de algumas pessoas tinham motivos ecoturísticos, a maioria dos

shorts e bermudas eram de produtos de secagem rápida, contrastando com o grupo, duas pessoas utilizavam peças jeans.

O grupo diferenciava-se da maioria das outras pessoas no local visitado, assemelhavam-se aos grupos que também foram para o local através de empresas, que tinham o mesmo padrão de vestimentas e equipamentos, o que nos remete a relacionar este comportamento com um estilo de vida. Eles também demonstraram o interesse em adquirir lembranças da cidade visitada, comprando camisetas, bonés, artesanatos e gêneros alimentícios.

A entrevista que foi aplicada fora deste contexto com pessoas deste grupo e outros sócios do Clube de Aventuras, a questão que cabe enfatizar este momento é em relação a utilização de equipamentos e como eles favorecem o contato com a natureza.

## 5 - O CORPO NO ECOTURISMO

Este capítulo abordará a questão central deste trabalho de investigar os fatores que influenciam e determinam o uso de equipamentos na prática do Ecoturismo, ilustrando que o corpo tem suas aspirações no contato com o meio natural, podendo estas serem ou não contempladas. O Ecoturismo sendo entendido como uma atividade de lazer para turistas urbano aponta de antemão que os valores deste meio influenciam e determinam padrões de comportamento, que são manifestados em qualquer local que proporcione o agrupamento de indivíduos pertencentes a este contexto

A viagem feita com o intuito de observar o comportamento do grupo escolhido como público-alvo desta pesquisa possibilitou a percepção de elementos para entendimento e interpretação das ações dos turistas urbanos na visita ao meio natural preservado, baseada na leitura bibliográfica feita sobre a caracterização do espaço ecoturístico seu contexto, considerando os valores culturalmente estabelecidos que envolve os personagens que estão nesta atividade.

Um ponto que já foi enfatizado neste trabalho e que merece ser retomado, é a relação estabelecida com o meio ambiente pelo nativo ou membro de uma comunidade tradicional, e a relação do homem urbano com este meio.

Sendo sabido que o primeiro tem uma relação histórico cultural de “complementaridade entre homem e ambiente”( Luchiari, 1997) harmoniosa que conseguiu estabelecer um equilíbrio entre estas comunidades e o meio ambiente que elas conseguiram manter preservado, ao contrário do segundo que estabeleceu uma relação de domínio, devastando e degradando a natureza ao seu redor, querendo agora através da imposição de seus valores se reaproximar do meio e preservá-lo, se faz necessário entender esta diferença, interpretando os fatos na perspectiva da experiência (Tuan 1983).

Retomando que o Homem contemporâneo tem estabelecido seu contato com a natureza através de atividades de lazer, sendo o ecoturismo entendido como uma destas práticas, tendo caráter institucional, ele proporciona um contato com a natureza baseado nos

interesses daquele que planeja e programa o roteiro. Este por sua vez, deve ser cumprido dentro de um intervalo de tempo que é para o visitante conhecer uma gama maior de atrações, passando por lugares já “construídos” na vasta imensidão espacial que desenha a paisagem natural que ele tem para contemplar, mas o tempo que ele tem para usufruir é pouco, diante do espaço oferecido na natureza.

O visitante desta forma só estabelece um contato temporário com este meio. Ele não tem tempo para que seja estabelecido um contato onde possa ser possível perceber detalhes íntimos do meio natural, onde o grau de envolvimento nesta relação de perceber o espaço, movendo-se nele, *aventurando-se no desconhecido*, experimentando *o ilusório e o incerto* (ver Tuna 1983), proporcionem o seu conhecimento, no mesmo nível dos nativos.

A natureza pode ser hostil e enigmática, porém o homem aprende a compreendê-la – extrair-lhe significado - quando isto é necessário para sua sobrevivência”(Tuan, 1983:89).

Desta forma, vai ser a minha capacidade de sentir o ambiente, de experimentá-lo e transformá-lo que estabelecerá uma relação de conhecimento do espaço, nas experiências vivenciadas.

Com relação à diferença de comportamento entre o nativo e o turista, pode-se considerar está relacionado a esta experiência vivenciada, ao conhecimento do espaço. *A experiência significa aprender em cima da nossa própria vivência* (Tuan 1983:10).

O turista vivencia no seu cotidiano um espaço que foi transformado, construído dentro de uma lógica e de um padrão de valores relacionados às sociedades urbano-industriais, que estabeleceram uma relação de dominação e agora querem se integrar a ela.<sup>4</sup> O homem contemporâneo enquanto turista:

*Coloca-se apenas enquanto um indivíduo que tem necessidade e direito ao lazer e ao contato direto com a natureza*( Tuan 1980:79).

E neste contato ele vem carregado de valores construídos no seu “ambiente natural”, em especial com relação à natureza como espaço para seus momentos de lazer.

<sup>4</sup> - Ver Introdução deste e Brandão (1995).

Até no desejo de retornar a estabelecer um contato com ela , ela será inserida no mercado como algo exótico que tem sua paisagem induzida ao consumo pela mídia e pela “indústria do turismo”.

### 5.1 – O ECOTURISTA E SUAS ASPIRAÇÕES

Os turistas que se aventuram a conhecer outros ambientes buscam conforto na exploração do meio e nas acomodações em que ficam no local ecoturístico. Estabelecem uma relação com a natureza que é permeada pelos seus hábitos, costumes e normas do meio urbano, mas também proporciona o contato com o novo, uma experiência diferenciada em relação a outras pessoas da cidade.

*A atividade turística implica um alargamento de percepções(...), a prática turística incorporada ao consumo estético das paisagens pode produzir não só novas identidades e estilos de vida, mas também atitudes e ações sociais. É o caso em que os turistas impõe, pela necessidade do consumo da natureza, uma relação mais equilibrada com o meio ambiente” (Lopes Jr., 1997:34).*

Faz parte de suas aspirações estabelecer contato com uma natureza intocada, aberta só para visitação , onde o homem não utilize seus recurso. Um exemplo de padrão de ordenamento do contato a ser estabelecido, ocorreu em Carrancas onde grupo se revoltou, ao ver barracas nas atrações, som auto e muitas pessoas reunidas num mesmo espaço, elas queriam uma exclusividade do local, reclamando das atrações que tinham outros grupos concentrados. Tuan (1983:74), esclarece isto como a sensação de apinhamento, onde o mundo “parece espaçoso quando concilia nossos desejos, e limitado quando eles são frustrados”.

Não tiveram o desejo de estar num lugar tranquilo correspondido, para elas, o contato ideal seria aquele sem ter que dividir o espaço com muitas pessoas, fugindo da rotina diária das grandes cidades, apesar delas terem espaço para se movimentar, sentiram-se reprimidas. Eles buscam corresponder suas aspirações e valores, de querer uma natureza intocada, mas não percebem que este desejo tem sido dividido com vários outros indivíduos

e que os locais visitados tem apresentado cada vez mais interferências e manifestações de comportamentos do meio urbano.

Cabe neste item fazer as atribuições necessárias à utilização de equipamentos na prática do ecoturismo, para tanto vamos tomar como base a manifestação dos entrevistados nesta pesquisa quando indagados sobre a utilização dos equipamentos.

Os entrevistados foram unânimes em admitir o uso de equipamentos, a justificativa para tal atitude versavam na melhor adaptação e facilidade no desenvolvimento das trilhas, aqui serão reproduzidas algumas respostas, onde apresentarei os personagens, utilizando-me de suas iniciais:

*“Levo tudo! Muita água, filtro solar, roupas adequadas que me protejam e não façam volume, mochilas mais leves, lanterna (até de dia) e máquina fotográfica. Os equipamentos mais específicos\* a empresa fornece. Utiliza todos eles porque adaptam um pouco mais ao meio” (A. V. C., 27 anos, professora e fonoaudióloga).  
Refere-se a equipamentos para rapel, escalada e espeleologia*

*“Estou começando a me equipar, uso os equipamentos\* da empresa em algumas atividades. Levo o tradicional: mochila, cantil, tênis e o que a empresa pede. Eles favorecem o contato e adaptam mais fácil ao meio” (N.C., 39 anos, Analista e Professora).*

*“Uso roupa leve e tênis confortável. Só levo água, capa de chuva e lanche. O ambiente natural fala por si só, não precisa de nada para potencializar” (M.S, 21 anos, estudante).*

*“Uso as coisas que a GRADE recomenda. Acredito que elas favoreçam o contato com a natureza e facilitem a trilha” (C. ,21 anos, estudante de turismo).*

- 
- As duas primeiras falam de material para rapel e espeleologia., que são atividade promovidas pela empresa

*“Utilizo o básico, bota para caminhar, cantil com água, lanterna e roupas adequadas. Eles facilitam o contato e as trilhas” ( E., 27 anos, Engenheiro Elétrico).*

Constata-se que há um consumo de produtos relacionados à atividade em contato com a natureza por parte de todos os entrevistados e do grupo observado, ao se afastarem do meio urbano para se relacionarem com a natureza levam consigo costumes e sentimentos do seu cotidiano, as vestimentas utilizadas na trilha e os equipamentos levados, além de produtos de higiene pessoal são produtos transportados do seu meio para o outro,

*a própria bagagem é expressão da ambiguidade constante do estar lá e o estar cá que permeia este estilo de viagem, tentando combinar recursos que permitam maior inserção no meio local(...)sem abrir mão de certos confortos da vida em casa” (Labate, 1997:91).*

O turista leva para o local visitado a representação daquilo que vivencia no seu cotidiano, a utilização de equipamentos configura-se com os valores e refletem um comportamento que tem elementos de racionalidade prática, simbólicos e econômicos. A necessidade gira em torno do desconhecimento do meio, que tem que ser visitado num período de tempo curto, requerendo preparo logístico para conforto e segurança.

O uso de materiais especializados demonstram a influência do marketing e a demonstração de poder aquisitivo para aquisição destes produtos, que são oferecidos a um alto custo no mercado.

Desta forma, o uso de equipamentos, assim como a própria visitação do espaço refletem o comportamento do homem contemporâneo, ele deseja ter uma ligação com o meio natural ,mas não se disvincula de valores utilitaristas típicos do meio urbano. E é através do uso desses materiais que eles se sentem mais adaptados ao meio, o ecoturismo tem refletido o consumo de sua prática e de produtos relacionados à natureza

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, M. As Ciências Sociais Aplicadas ao Turismo. In: LUCHIARI, M.T.D.P. (Org.). *Turismo e meio ambiente*. Textos didáticos, v.2, n.31. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Planejamento e Organização em Turismo*. Campinas: Papirus, 1991.
- BRANDÃO, C.R. "Outros afetos, outros olhares, outras idéias, outras relações". In: *A Questão Ambiental: cenários de pesquisa*. Textos NEPAM. Série "Divulgação Acadêmica", n.3. Campinas: UNICAMP, 1995.
- BRASIL. Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo. Silvio Magalhães Barros II e Denyse Hamu M. de La Penha (Coords.). Brasília, DF: EMBRATUR, 1994. 48p.
- BRUHNS, H.T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 18, n.2, 1997.
- \_\_\_\_\_. Metodologia da pesquisa na área de estudos do lazer: análise de um conteúdo programático. *Motivivência*, ano V, n. 5,6,7, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O corpo parceiro e o corpo adversário*. Campinas: Papirus, 1993.
- \_\_\_\_\_. O corpo visitando a natureza: possibilidade de um diálogo crítico. In: SERRANO, C.M.T. & BRUHNS, H.T. (Orgs.). *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. Campinas, SP: Papirus, 1997, 150p.
- \_\_\_\_\_. Turismo e lazer: viajando com personagens. In LUCHIARI, M.T.D.P. (Org.). *Turismo e meio ambiente*. Textos didáticos, v.2, n.31. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1997.
- \_\_\_\_\_. Uma introdução à discussão sobre turismo, cultura e ambiente. In: SERRANO, C.M.T. & BRUHNS, H.T. (Orgs.). *Viagens à natureza: turismo, cultura e*

- ambiente*. Campinas, SP: Papirus, 1997. 150p.
- CARVALHO, M. *O que é natureza*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DIEGUES, A.C.S. As Áreas Naturais Protegidas, o Turismo e as Populações Tradicionais. In: SERRANO, C.M.T. & BRUHNS, H.T.(Orgs.). *Viagens à natureza: turismo, cultura e ambiente*. Campinas, SP: Papirus, 1997. 150p.
- DEBATES SOCIOAMBIENTAIS. *Lazer, cidadania e meio ambiente*, anoIII, n.9. CEDEC, mar./jun. 1998.
- ECHEVERRIA, T.M. As relações homem-natureza e o dilema ecológico. In: *Temáticas*, ano 4, n.7. Campinas: IFCH/UNICAMP, jan./jun. 1996.
- FERREIRA, L.C. Os ambientalistas brasileiros, os direitos sociais e a natureza. In: *Temáticas*, ano 4, n.7. Campinas: IFCH/UNICAMP, jan./jun. 1996.
- \_\_\_\_\_. O neo-romantismo ecológico. In: *A Questão Ambiental: cenários de pesquisa*. Textos NEPAM. Série "Divulgação Acadêmica", n.3. Campinas: UNICAMP, 1995.
- LOPES Jr, E. Sombras sobre o reino tropical de Dionísio. In: LUCHIARI, M.T.D.P. (Org.). *Turismo e meio ambiente*. Textos didáticos, v.2, n.31. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1997.
- LABATE, B.C. A Experiência do Viajante-Turista na contemporaneidade. In: LUCHIARI, M.T.D.P. (Org.). *Turismo e meio ambiente*. Textos didáticos, v.2 n.31. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1997.
- LUCHIARI, M.T.D.P. Turismo e cultura caiçara no litoral norte paulista. In: LUCHIARI, M.T.D.P. (Org.). *Turismo e meio ambiente*. Textos didáticos, v.2 n.31. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1997.
- PARKER, S. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- REVISTA VEJA. *O look radical*. ano 31, n. 37, 1998.
- SERRANO, C.M.T. Uma introdução à discussão sobre turismo, cultura e ambiente. In: SERRANO, C.M.T. & BRUHNS, H.T.(Orgs.). *Viagens à natureza: turismo, cultura e*

*ambiente*. Campinas, SP: Papirus, 1997. 150p.

SERRANO, C.M.T. Turismo e meio ambiente: leituras das ciências sociais. In:

LUCHIARI, M.T.D.P. (Org.). *Turismo e meio ambiente*. Textos didáticos, v.1, n.31.

Campinas: IFCH/UNICAMP, 1997.

SILVA, P.C. O corpo (contemporâneo) em crise ecológica. In: DA COSTA, L.P.(editor).

*Meio ambiente e desporto. Uma perspectiva internacional*. Porto, Portugal: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, 1997.

TUAN, Y.F. *Espaço e Lugar*. São Paulo: Difel, 1983.

\_\_\_\_\_. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980.

## 7 – ANEXO

Segue a seguir os tópicos abordados na entrevista feita com o grupo investigado nesta pesquisa, de onde foram retirados elementos para interpretação dos comportamentos manifestos durante a viagem e para elaboração de um quadro que caracteriza-se como representantes dos valores culturais que caracterizam o turista contemporâneo.

- \_ Falar sobre a opção pelo Ecoturismo
- \_ As contribuições que a experiência oferece
- \_ Se utilizava equipamentos
- \_ Como eles favoreciam o contato com a natureza
- \_ Se adquiriam solveiros nas viagens